

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O norte

Class.: 757

Data: 20.09.83

Pg.: \_\_\_\_\_



Portando arco e flecha, um grupo de índios ocupou as galerias da Assembléia, para ouvir o deputado Juruna

## Um dia de arco e flecha na Assembléia

O deputado Mário Juruna (PDT-RJ) que veio à Paraíba para visitar os remanescentes dos Índios Potiguara instalados na reserva da Baía da Traição, defendeu ontem, durante pronunciamento na Assembléia Legislativa, uma revolução como a única alternativa que conduzirá o País a mudanças que superem a atual crise.

Definiu os membros do Governo como "uma meia-dúzia que só tem compromissos com o Fundo Monetário Internacional e com os imperialistas". Para uma galeria ocupada por índios portando arco e flecha, o deputado e cacique Xavante acrescentou que "a maioria dos deputados que conheço são pessoas comprometidas com interesses contrários aos do povo, preocupados em defender Delfim Netto, Andreazza e outros ministros".

Mário Juruna advertiu os que riram

durante suas primeiras palavras: "Não sou palhaço e nem sou de brincadeiras. Quem quiser ver palhaços e artistas vá ao Rio de Janeiro".

Ele denunciou ainda, na Assembléia, a presença de policiais armados na aldeia Potiguara, em Baía da Traição, o que considerou uma forma de intimidar os índios que lutam contra a invasão das suas terras por latifundiários com interesses na área.

Garantiu que os problemas dos índios paraibanos — "muito sérios" — serão levados ao ministro extraordinário para Assuntos Fundiários, Danilo Venturini, ao Ministério do Interior e à Fundação Nacional do Índio — Funai.

Aos deputados paraibanos, Juruna solicitou empenho na defesa dos interesses e direitos dos índios Potiguara. Sugeriu à direção da Assembléia Legis-

lativa a criação de uma Comissão do Índio para acompanhar e intervir em favor das reivindicações dos índios paraibanos.

A saudação ao deputado xavante foi feita pelo deputado estadual José Fernandes de Lima (PMDB), que o considerou "o autêntico representante do povo brasileiro no Congresso Nacional".

— Suas palavras não têm o timbre do português correto mas é mais sincero do que a simples retórica a que estamos acostumados, enfatizou Fernandes referindo-se também à história dos índios que vivem na Baía da Traição e que "precisa ser contada para que se retrate o sofrimento, as perseguições e o descaso dos poderes públicos para com aquela comunidade".

(Página 3)